

Tempos e lugares da Radio Rebelde Zapatista: as ritualidades dos usos sociais

Times and Places of Radio Rebelde Zapatista: the ritualities of social uses

ISMAR CAPISTRANO COSTA FILHO

Doutor em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor adjunto do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC). Brasil.

ismarcapistranofilho@gmail.com

Edição v. 36
Número 1 / 2017

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), v. 36, n. 1
abril – julho/2017

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

PPG|COM

Programa de Pós-Graduação
COMUNICAÇÃO
Programa de Pós-Graduação

UFF

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

CAPISTRANO COSTA FILHO, Ismar. Tempos e lugares da Radio Rebelde Zapatista: as ritualidades dos usos sociais. Contracampo, Niterói, v. 36, n. 01, pp. 26-42, abr. 2017 / jul. 2017.

Enviado em 12 de janeiro de 2017 / Aceito em 04 de abril de 2017.

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v36i1.971>

Resumo

Este artigo analisa as ritualidades da *Radio Rebelde* das comunidades autônomas do movimento insurgente mexicano zapatista, localizada em Oventic, no Estado de Chiapas. Para isso, são investigados os tempos e os espaços dos formatos da emissora e dos ouvintes, realizando a relação proposta por Jesús Martín-Barbero para o estudo das ritualidades. É possível notar, a partir da pesquisa, uma ruptura com a organização temporal das rádios comerciais, pois a *Radio Rebelde* não possui programa definidos, funciona nos horários fraturados de 5h às 9h e das 17h às 20h e segue o fuso horário zapatista da Frente de Combate Sul Oriental. Estas características apontam para a autonomia do formato da emissora. Já parte dos ouvintes entrevistados, principalmente de comunidades rurais autônomas, apropriam-se desta temporalidade nos diversos espaços de escuta. Outra parte possui dificuldade de adaptar-se ao ritmo diferenciado da emissora.

Palavras-chave

Rádio; Zapatistas; Ritualidades.

Abstract

This article analyzes the ritualities of *Radio Rebelde* of the autonomous communities of the Mexican Zapatista insurgent movement, located in Oventic, in the State of Chiapas. For this, the times and spaces of the production formats and listeners are investigated, realizing the relationship proposed by Jesús Martín-Barbero. It is possible to notice a rupture with the temporal organization of the commercial radios, since the station does not have defined programs, it works in the fractured hours of 5h to 9h and of the 17h to the 20h and it follows the Zapatista timezone of the Front of the South Eastern Combat. These characteristics point to the autonomy of the format. Some of the interviewed listeners, mainly from autonomous rural communities, appropriate this temporality in the various listening spaces. Other listeners have difficulty adapting to the station's rhythm.

Keywords

Radio; Zapatistas; Ritualities.

Introdução

A Radio Rebelde é uma emissora das comunidades autônomas zapatistas¹ do Caracol Resistência e Rebeldia pela Humanidade² localizado em Oventic, a cerca de 50 km de San Cristóbal de Las Casas, cidade de mais de 200 mil habitantes na região de Los Altos de Chiapas, considerada capital cultural do Estado (PIUG, 2006). A estação surgiu, em 2006, com a consolidação do processo de transferência da administração dos Municípios Autônomos em Rebeldia Zapatista (Marez) para os civis. Antes a emissora, que transmite em 101,9 MHz, pertencia ao Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) e, junto a duas outras estações localizadas na Selva Tseltal e Selva da Fronteira, chamava-se *Radio Insurgente* tendo como objetivo mostrar “os avanços do processo de autonomia nas zonas zapatistas e promover a difusão da palavra e da música das comunidades indígenas”³. Agora o objetivo é que cada município autônomo possua uma radiodifusora para cobrir mais povos onde não chega o sinal.

A causa zapatista é fundada principalmente na luta por autonomia, compreendida como auto definição, autogoverno, “autodelimitação” e “autodisposição” (BARCENAS, 2011). A primeira característica é a possibilidade de determinar por si mesmos quem são as pessoas que os constitui. A segunda é construção da própria gestão. A terceira característica é a definição, por si mesmos, dos limites de seu território. Já a última é promover a organização social da maneira que mais lhes convenha, desenhando seu próprio desenvolvimento. Nos territórios zapatistas, onde convivem outras famílias não pertencentes ao movimento, há sistemas de educação, de saúde, de segurança, de justiça, de governo, de transporte, de economia e de comunicação, independentes do governo

¹ O zapatismo é um movimento que ficou, segundo Tamara Villarreal Ford e Geneve Gil (DOWNING, 2001), conhecido internacionalmente por ter inaugurado o ciberativismo. Em 1º de janeiro de 1994, o Exército Zapatista de Libertação Nacional, formado por indígenas de descendência maya das etnias tsotsil, tseltal, tojobales, zoques e choles, ocupou prédios públicos de seis municípios do Estado de Chiapas no sudoeste mexicano e declarou guerra contra o Exército Federal, reivindicando, na Primeira Declaração da Selva de Lacandón, terra, trabalho, educação, saúde, moradia, alimentação, liberdade, independência, democracia, justiça e paz. Em defesa destas reivindicações e para evitar ampliar o conflito armado, ativistas de diversos grupos criaram uma corrente global, através da nascente internet, não só mobilizando personalidades públicas de vários países (como o escritor Eduardo Galeano e o cineasta Oliver Stone) e entidades (como a ONU e o Vaticano), mas também quebrando o boicote informativo sobre o assunto das emissoras de televisão mexicanas. As mensagens de apoio ao movimento transmitidas em e-mails, bate-papos e páginas da web, colaborou para levar mais 150 mil pessoas às ruas da Cidade do México que exigiram o fim do conflito, levando o Governo Mexicano a declarar o cessar fogo unilateral e iniciar os Diálogos de Paz de San Andrés. Mesmo não conseguindo o acordo desejado, as comunidades zapatistas contam atualmente com autonomia política, possuindo, além do próprio governo e autodefesa, sistema de saúde, judiciário, escolas e meios de comunicação. Ainda que autônomos, os zapatistas não são separatistas, defendendo a construção de um México socialmente justo e politicamente plural.

² Caracol é a unidade administrativa a qual está dividida o território zapatista. É formado pelo conjunto de Municípios Autônomos em Rebeldia Zapatista (Marez) que, por sua vez, são formados pelas comunidades zapatistas. Na sede do Caracol, fica a Junta de Bom Governo, responsável pela administração deste território que reúne representante dos Marez.

³ Disponível em <<http://www.radioinsurgente.org>>, acesso em 15 de junho de 2010. Tradução minha.

mexicano. Mesmo assim, os zapatistas não são separatistas. O movimento defende uma transformação radical do Estado Mexicano para incluir a diversidade e pluralidade dos povos originários com suas próprias identidades e organizações políticas e sociais.

Em minha pesquisa de doutorado, investiguei, entre 2012 e 2015, a relação da luta por autonomia e as emissoras zapatistas Radio Rebelde e *Frecuencia Libre* a partir da proposta teórico-metodológica de Jesús Martín-Barbero (1998). De acordo com o filósofo hispano-colombiano, para refletir sobre os fenômenos comunicacionais é necessário fazer dois deslocamentos. O primeiro, representado pela metáfora de perder o objeto para encontrar o caminho, significa compreender o processo da comunicação a partir das mediações, isto é, do trânsito dos significados e sentidos nos diferentes grupos, instituições, territórios e tempos onde circula. O segundo é o caminho de volta aos meios, refletindo a centralidade que os mesmos ganham nas sociedades contemporâneas condicionando agências, fluxos e ritmos. A metodologia para o estudo dos usos sociais está baseada em quatro operadores conceituais: matrizes culturais, lógicas de produção, formatos industriais e competências de recepção que relacionados formam as institucionalidades (matrizes e lógicas), tecnicidades (lógicas e formatos), ritualidades (formatos e competências) e socialidades (competências e matrizes). Neste artigo, recorto o estudo nas ritualidades da Radio Rebelde. Assim, busco responder como a autonomia é refletida na organização da programação da emissora e na escuta dos ouvintes.

Para isso, irei definir inicialmente o eixo metodológico das ritualidades. Em seguida, analisarei a organização da programação da emissora. No final, as práticas de escuta dos ouvintes a partir dos tempos e lugares. Utilizei, nesta pesquisa, a análise dos endereçamentos da programação da emissora (HARTLEY, 2000) que consistiu em gravar as transmissões da Radio Rebelde, no mês de julho de 2014, para depois escutá-las atentamente fazendo anotações no diário de campo e transcrevendo os trechos que avaliei mais relevantes para a pesquisa. A prioridade neste tipo de análise é reconhecer as interpelações ao público e as expectativas da audiência que a emissora busca atender. Para conhecer os receptores, busquei uma exploração de inspiração etnográfica para, a partir do reconhecimento das alteridades, realizar a descrição das observações, conversas, contatos, vivências e entrevistas com os ouvintes, que foram apresentadas de forma mais completa na minha tese de doutorado, sendo neste artigo utilizados apenas alguns elementos imprescindíveis para a mesma.

Apesar de não conseguir autorização da Junta de Bom Governo (JBG) do Caracol de Oventic para visitar a emissora pesquisada e entrevistar os produtores,

logrei encontrar os ouvintes a partir de questionários pré-exploratórios aplicados em listas de e-mails de ativistas políticos e culturais da região. A partir desse contato inicial, realizei entrevista com 18 receptores. Destes, 11 escutam ou escutaram a Radio Rebelde. Os demais escutam somente a *Frecuencia Libre*, por isso foram excluídos neste artigo. Cinco dos ouvintes pesquisados vivem ou transitam constantemente em San Cristóbal de Las Casas. Os outros seis receptores vivem na comunidade rural autônoma de San Isidro de La Libertad, com cerca de 60 famílias, no município de Zinacantán, localizado há 15 km de San Cristóbal de Las Casas, onde realizei pesquisa de campo com a permissão das autoridades locais. Para proteger o anonimato dos ouvintes entrevistados, utilizo nomes fictícios.

A Radio Rebelde rompe com a temporalidade e os ritmos sociais predominantes nas sociedades urbanas industrializadas. Para compreender a relação entre esta emissora e o tempo, utilizo a análise das ritualidades, proposta no mapa noturno dos usos sociais de Martín-Barbero (1998), como a articulação entre os formatos industriais e as competências de recepção. A organização do tempo é fundamental para a conquista da autonomia, pois possibilita o controle do calendário e agendas que marcam as relações sociais, como será tratado adiante. Os meios de comunicação, especialmente o rádio, possuem um papel preponderante por colaborar com a criação dos ritmos do cotidiano e com a construção de sentidos sobre o presente, o passado e o futuro.

De acordo com Jacks (2008, p. 37), a ritualidade, configurada no âmbito de ação dos receptores, constitui-se pela memória, seus ritmos, formas e cenários de interação e repetição que constroem as gramáticas de ação nas relações estabelecidas com os formatos industriais. Já para os meios,

implica uma capacidade para colocar regras nos jogos entre significação e situação, alertando, entretanto, que uma coisa é a significação da mensagem e outra é o sentido que adquire quando o receptor apropria-se dela (JACKS, 2008, p. 37)

Orozco (1996) explica que as ritualidades não são só as ações adotadas cotidianamente, mas também as que se repetem com alguma frequência, como festividades, feriados e férias. Ronsini (2012, p. 92) enumera as seguintes possibilidades de pesquisa a partir deste conceito: os diferentes trajetos de recepção, o modo de ver, ouvir e ou ler os textos com relação ao cotidiano, os modos de simbolização do lugar, os ritmos do cotidiano, o poder relativo dos meios, os costumes, as identidades de classe, os dispositivos midiáticos e a mídia como protagonista na racionalização, naturalização e banalização das ideologias. Ela

resume como a “ação do poder políticos dos meios (...) apropriada pelos receptores para justificá-lo, contrapô-lo ou negociar com ele”.

Formatos da Radio Rebelde

Para analisar Radio Rebelde, como um meio livre⁴, realizo o deslocamento do conceito de formatos industriais, que compõem as ritualidades na perspectiva de Martín-Barbero (1998) para formatos dos meios, a fim de contemplar a apropriação do rádio pelos produtores desta emissora, excluídos do regime de mercado e dos padrões comerciais de produção e veiculação da programação. Assim, é possível perceber a plástica e os formatos da Radio Rebelde, produzidos fora do padrão industrial e comercial. A emissora, diferente do formato predominante nas rádios comerciais, não possui programas. Sua programação tem os seguintes conteúdos: contos, poesias, músicas revolucionárias, comunicados e mensagens, assim definidos por seus locutores. Não consegui notar frequência ou horário fixo para a veiculação destes conteúdos predominantes, parecendo-me executados aleatoriamente. A rádio também não possui a alternância de intervalos e blocos. Geralmente o conteúdo é apresentado alternando-se com uma a três músicas. A ausência de vinhetas⁵ de passagem é outra característica observada durante a pesquisa. Há apenas uma vinheta geralmente veiculada nas viradas de hora ou no início da programação, que possui diferentes versões, cada uma com trechos musicais e trilha de fundo de um estilo musical diferenciado (cumbia, rap, romântica, rock etc.), intercalando sempre o mesmo texto: “Esta é a Radio Rebelde, voz da mãe terra, que transmite desde algum lugar dos povos zapatistas no Caracol Insurgente em Rebeldia e Resistência pela Humanidade, zona Altos de Chiapas. Frequência Modulada 107.1 de sua rádio”.

Outra peculiaridade da emissora é a locução bilingue, em espanhol seguido pela tradução em tsotsil, língua dos povos nativos desta etnia, descendentes dos mayas da região de Los Altos. Neste idioma, os locutores demonstram muito mais segurança na fala, diferente da locução em espanhol que apresenta clara dificuldade de articulação das palavras, com interrupções inesperadas e gaguejo, principalmente por parte das mulheres. Esta situação reflete os dados apresentados pelo antropólogo Fábregas Ping (2006) – 52,8% destes povos são monolíngues, falando apenas o tsotsil.

⁴ Meios livres são mídias sem prévia autorização do poder concedente, sem finalidades econômicas, com gestão coletiva e com uma atuação contra hegemônica. Funcionam geralmente a partir do trabalho voluntariado e possuem uma programação engajada num projeto político de transformação social.

⁵ Sinais sonoros que dividem os conteúdos da programação radiofônica.

Os contos analisados na investigação interpelam a audiência claramente para o fortalecimento da identidade e da memória dos povos originários, não só pela língua, mas por ser uma forma historicamente presente nessas culturas populares, ao mesmo tempo que relacionam as mesmas ao espírito crítico, autônomo e rebelde do zapatismo. Já as poesias, apresentadas frequentemente pela manhã na Radio Rebelde, são gravações que intercalam as locuções e músicas. Não são interpretadas pelos locutores de nenhum dos horários registrados, parecendo serem interpretadas pelos próprios autores, dado a segurança das performances. Assim como a maior parte dos contos observados, esses poemas apresentam a crítica social como principal elemento, baseados no moralismo do bem contra o mal, alimentando um imaginário de um inimigo a ser derrotado: o capitalismo. Aliado a essas lições, há uma estética nos versos, na rima e na métrica da oralidade. A apresentação por não locutores, mas, provavelmente, pelos próprios autores, é uma forma de demonstrar uma autenticidade popular das produções, possuindo o papel social endereçado não só de afetar sentimentos, mas também de reforçar o imaginário radical que será abordado em seguida, a partir da identidade originária da comunidade e do zapatismo.

A música é outro conteúdo predominante veiculado na Radio Rebelde que possibilita, segundo Amarnd Balsebre (1994, p. 89), "evocar as imagens que estão dormidas em nós", compondo também o imaginário zapatista. A primeira hora da programação das tardes da emissora dedica-se às músicas de marimba, que são composições instrumentais geralmente no estilo de cumbia⁶ mexicana, tocadas com o instrumento homônimo. O intuito das músicas é claramente de entreter, como explicita a locução do horário. Esta parte da programação demonstra que a Radio Rebelde também possui um endereçamento lúdico que, além de entreter, pode criar laços de pertencimento, inclusive com comunidades não zapatistas. Neste caso, a estética da música predomina sobre a mensagem semântica, porque " a informação estética da música constitui um universo significativo muito grande" (BALSEBRE, 1994, p. 92). A matriz simbólico-dramática da marimba produz proximidades entre as múltiplas identidades.

Registrei também músicas tradicionais das comunidades indígenas de Los Altos interpretadas nas línguas originárias, possuindo longa prosa de introdução que apresenta a localidade e culminam no encerramento, reafirmando suas identidades locais. Além das canções das comunidades, foram apresentadas as

⁶ A cumbia é uma dança e um ritmo originado na Colômbia, durante um longo período de mestiçagem entre elementos africanos (sensualidade, instrumentos musicais), indígenas (instrumentos musicais) e espanhóis (canto, poética e vestuário), que se popularizou na América Latina durante a década de 1940. A cumbia mexicana funde elementos do som montuno cubano, do mambo e de ritmos locais ao estilo colombiano (como a música norteña e el huapango). É um forte componente cultural nos meios de comunicação e nos bailes, sendo atualmente conhecida como cumbia sonidera.

músicas de dança que são somente instrumentais, servindo para as apresentações de grupos típicos em festas locais. Além das músicas tradicionais, observei outra autodefinição de um estilo musical, as canções revolucionárias classificadas pelos locutores como de três tipos e veiculadas em diferentes sequências de uma hora:

- Canções revolucionárias nacionais: são compostas por canções de grupos mexicanos não chiapanecos de três temáticas diferentes. A primeira reúne questões históricas que reconstituem períodos passados das várias revoluções da história mexicana, sempre na perspectiva favorável aos indígenas, camponeses e agricultores e seus mártires. A segunda temática dessas músicas trata de outros movimentos revolucionários mexicanos. Já a terceira aborda críticas sociais ou canções de apoio ao zapatismo de mexicanos. Essas músicas apontam para a aproximação dos zapatistas com outros movimentos, grupos e coletivos nacionais e com a história de lutas e revoluções do México, reforçando o sentimento de pertencimento à nação mexicana, claramente defendido pelo EZLN que não se identifica como separatista, mas como construtor de um novo México plural, multicultural e justo.
- Canções revolucionárias chiapanecas: retratam a luta e os ideais zapatistas nas comunidades autônomas e no EZLN. São canções produzidas localmente, principalmente nos Municípios Autônomos em Rebelia Zapatista (Marez). Várias dessas veiculadas na programação das emissoras foram reunidas no álbum “El fuego y la palabra”, conjunto de quatro discos lançados em março de 2009. Os endereçamentos dessas músicas interpelam para, primeiro, uma aproximação com a realidade local que fortalece os laços de pertencimento com as comunidades. Segundo, constituem-se como narrativas que fazem um registro histórico e realizam uma espécie de catarse social quando promovem um desabafo coletivo contra as injustiças vividas pelas comunidades locais. Essas canções interpelam, assim, para a construção das identidades de resistência e lutas zapatistas, presentes nos laços de pertencimentos entre membros dos grupos, no papel histórico do levante e na partilha da dor, sofrimento, conquistas e utopias. Além disso, fazem apelo para a mobilização coletiva em prol da luta emancipatória.
- Canções revolucionárias internacionais: reúnem canções críticas ao capitalismo, ou de apoio ao movimento zapatista, de artistas não mexicanos, como espanhóis, chilenos, cubanos, argentinos, entre outros.

Outros conteúdos identificados são os comunicados e as mensagens da programação que têm, por sua vez, um caráter informativo. Os primeiros são informativos das Juntas de Bom Governo (JBG) ou do Conselho de Comando

Revolucionário Insurgente (CCRI) do Exército Zapatista, também publicados no site Enlace Zapatista⁷. Já as mensagens são curtas, durando de 15 a 45 segundos e aparentam serem depoimentos gravados, de pessoas comuns e editados com fundos musicais. Novamente, a utilização da apresentação por pessoas que não são locutoras, demonstra uma interpelação de aproximação e de participação na emissora. As temáticas tratam sobre a saúde, o trabalho coletivo e a dignidade das mulheres. Além de uma contextualização histórica, as mensagens fazem questionamentos sobre as injustiças sociais.

Territorialidades e temporalidades

Além das críticas sociais, estes conteúdos possuem, conforme Pross (1989), o papel de interpretação do calendário, termo grego que designa o “livro de contas” e de compromissos sociais. A organização do tempo representa um controle social das atividades cotidianas e da vida pública. “Quem controla o calendário controla indiretamente o trabalho, o tempo livre e as festas” (LE GOFF, 1992, p. 494). Mesmo tendo, por vezes, proximidades com a ordenação da natureza, como o claro e o escuro (dia e noite), trocas climáticas (férias de verão) e mudanças de estação (primavera, outono, inverno e verão), o tempo é orientado simbolicamente a partir da ordem sociopolítica. Na Idade Média, o poder eclesiástico predominava no calendário. Na contemporaneidade, o ritmo da produção industrial se sobrepõe na organização do tempo oficial. Há, entretanto, diferentes temporalidades vivenciadas numa mesma época que se relacionam com os diversos sentidos sociais que circulam nos territórios, nas relações hegemônicas e nas contra hegemônias.

Para Rogério Haesbaert (2007), o território se constitui por uma combinação de dimensões funcional e simbólica. A primeira representa a exploração de recursos naturais para a satisfação de necessidades ou acúmulo de riquezas. Já a dimensão simbólica cria vínculos entre os lugares e as pessoas que se apropriam de significados como reconhecimento mútuo, pertencimento e abrigo. O processo identitário configurado sobre os territórios, definido como territorialidade, serve como estratégia para criar e manter controle sobre parte de uma superfície, sobre as conexões, a disciplinarização dos espaços e a organização do tempo. Enquanto a territorialidade envolve predominantemente aspectos simbólicos, podendo existir até sem território (como a terra prometida dos judeus), o território só existe nas dimensões material e simbólica, não existindo, assim, sem espaço físico e sem territorialidade.

⁷ Disponível em <<http://www.enlacezapatista.org>>, acesso em 10 de fevereiro de 2014. Tradução minha.

Os sentidos sobre os territórios, construídos em determinados universos culturais, trazem consigo significados e formas de se organizar no tempo, nos ritos e ritmos sobre o cotidiano. As temporalidades estão inevitavelmente localizadas nas territorialidades, porque o tempo é vivenciado em determinado lugar, ainda que imaginário. No campo de pesquisa, pude notar diferenças entre os tempos e territórios da academia, marcados com um certo rigor; os tempos dos intelectuais e comunicadores entrevistados, raramente pontuais; e os lentos tempos dos povos indígenas organizados inclusive com fusos diferenciados. Nos Municípios Autônomos em Rebeldia Zapatista, as comunidades seguem o fuso da Frente de Combate Sul Oriental, duas horas a menos do que a hora oficial do México e três horas a menos durante o horário de verão deste país. Esse último, por exemplo, não é seguido por nenhuma comunidade indígena que transitei, pois eles diziam continuar na “hora de Deus”. Além dos fusos diferenciados, há ritmos sociais diversos. Em San Cristóbal de Las Casas, uma cidade onde se encontram indígenas e mestiços, mas que segue o calendário industrial – mesmo não possuindo parque industrial nem grandes empresas – dificilmente encontrei pontualidade, inclusive no comércio e turismo.

Em San Isidro de La Libertad, além dessa pouca pontualidade, há uma divisão do ano diferente da urbanidade mexicana, marcada principalmente pelo ano novo, festa de reis, semana santa, férias de verão e natal. A comunidade divide seu ciclo anual em torno da festa da Santa Cruz (dia 5 de maio), único dia que se pode consumir bebida alcoólica no Centro dos Autônomos, das plantações de verão (julho), da limpeza da terra (setembro), da colheita (novembro) e da festa do Natal (dezembro). Nessas épocas, as pessoas realizam atividades diferenciadas não só sobre os territórios que circulam, mas trocam a relação lenta com o tempo por um ritmo mais acentuado. Assim como em San Cristóbal de Las Casas, os domingos são os dias que se diferenciam do resto da semana em San Isidro de La Libertad, não só porque muitas pessoas não trabalham, mas porque celebram a palavra na capela. No entanto, diferente da cidade marcada principalmente pelo lazer e o descanso, na comunidade autônoma é o dia em que as pessoas se reúnem na assembleia para discutir o contexto local e, por vezes, nacional, tomando suas decisões políticas, seguido por uma refeição coletiva.

Temporalidades da Radio Rebelde

Como é inevitável participar desses tempos e territórios, os meios cumprem, de acordo com Pross (1989), o papel de comunicar esses ritmos, criando sentidos e climas diferenciados para as manhãs, noites, semana, fim de semana e festividades. A pesquisadora brasileira Mônica Nunes (1993, p. 33) esclarece que

a obrigatoriedade da comunicação e da participação produz (...) carência psicofísica, traduzida em desconhecimento (...). Para suprir o déficit gerado pelo desconhecimento, busca-se a informação.

O radiojornalismo tonifica a atualidade com as notícias do presente. A instantaneidade das transmissões, que ocorrem frequentemente ao vivo, ancora a recepção no tempo atual. Nas emissoras informativas, as notícias do último momento, do último turno ou da última semana (no caso de programas semanais) predominam, obedecendo, por vezes, a recomendação de uma linguagem verbal no tempo presente, inclusive para tratar de fatos passados (ORTRIWANO, 1985). O atual parece eterno nesse tipo de programa, mesmo com a inevitável fugacidade do meio. Assim como o som, o que se transmite no rádio se dispersa no momento que é recebido, não havendo como retroceder a não ser se for gravada a programação, situação improvável na escuta radiofônica. "O som só existe quando abandona a existência. Não é simplesmente perecendo, mas, em essência, evanescente, e se lhe percebe desta maneira" (ONG, 1993, p.33). A transmissão radiofônica hertziana só existe assim no presente.

Esta relação com a atualidade pode ser percebida na Radio Rebelde, nos comunicados do EZLN e das Juntas de Bom Governo, principalmente sobre as ações do Governo Mexicano e grupos paramilitares contra comunidades zapatistas ou os membros destas. São textos escritos e publicados no site oficial do movimento Enlace Zapatista, que são lidos na programação da rádio, em qualquer horário. A atualização da hora é uma outra forma de ancorar a programação radiofônica no presente, tornando a transmissão do meio, um relógio invisível que ajuda muitos ouvintes se localizarem temporalmente. Na emissora do Caracol de Oventic, os locutores interpelam o tempo constantemente não só com a hora da Frente de Combate Sul Oriental, como também mencionam o tempo: "Bom dia para você que está indo agora trabalhar!" e "Que você esteja bem neste final de tarde!". Há, nessas saudações, uma estreita relação entre o tempo e a rotina campesina acompanhada pela emissora.

Além de marcar o presente, funcionando como uma espécie de relógio invisível, o rádio também possibilita resgatar o passado. O papel de reminiscência do meio é possível, principalmente, pela veiculação de músicas e histórias antigas. Nunes (1993, p. 39) explica esta função ritual do meio como,

o eterno retorno ao princípio das coisas busca, acima de tudo, dirimir a duração do tempo profano (...) e assegurar a própria regeneração do tempo no tempo mítico. Regenerar o tempo é renovar a si mesmo. Esgarçar as bordas da finitude humana.

Escutar uma música ou um relato do passado não é só uma recordação, mas uma forma de criar uma segurança no presente, pois assim como os desafios

anteriores foram superados ou sublimados, os atuais também poderão ser. Dessa maneira, o rádio busca, para Pross (1989), suprimir a carência psicofísica emocional gerada pelo calendário.

Os contos da Radio Rebelde servem para apresentar histórias de um tempo imemorável, que levam segurança emocional de como se deve agir diante das inevitáveis imprevisibilidades. O “Rei do Mal” traz explicações de quem criou e cria as desagregações da vida comunitária e familiar, o sistema capitalista. “Como Noivo Namora a Noiva” resgata os exitosos cortejos para as relações amorosas. As canções revolucionárias, como o corrido “7 de Outubro” – sobre a morte de uma autoridade de uma comunidade zapatista – revive não só a memória do assassinato, mas dos feitos do personagem.

A Radio Rebelde cumpre também o papel de significar o futuro através da criação do imaginário radical da autonomia. “A ritualização promete a certeza de que o universo continua como está. O mundo por vir se vai construindo e não será diferente do presente” (NUNES, 1993, p. 35). Essa relação com o futuro é constantemente anunciada nas canções revolucionárias, nas poesias e nos comunicados que trazem a mensagem de vitória dos oprimidos, como bem representa o Hino da Unidade Popular: “Venceremos! Venceremos!/ Mil cadeias terão que romper/ Venceremos!”.

Além de fortalecer o imaginário radical, a emissora investigada possibilita uma relação com o tempo que pode contribuir para a vivência da autonomia. Como o controle do tempo representa um poder social, romper com a hora oficial significa também negar o poder estatal, reforçando o sentido de autodeterminação das comunidades autônomas. A Radio Rebelde, nesse sentido de auto disposição, possui ainda um ritmo próprio de locução, diferente das emissoras comerciais. As pausas e silêncios após uma música ou uma gravação, conhecidos no padrão técnico comercial como falhas, intitulados no jargão radiofônico como “buracos”, são constantemente observados na estação e tratados naturalmente pelos apresentadores, chegando até 15 segundos, conforme observado no dia 24 de julho de 2013. Diferente do que acontece quando há algum defeito técnico, a locução não pede desculpas pelos “buracos”. Passar de 5 a 15 segundos em silêncio não parece significar um erro nessa emissora, porque o programa não busca o ritmo frenético das rádios comerciais que transmitem ininterruptamente um som após o outro.

O horário fraturado de transmissão, estando no ar das 5h às 9h e das 17h às 20h no Fuso da Frente de Combate Sul Oriental, é mais uma característica da autonomia da temporalidade da Radio Rebelde. A emissora não só se distingue do padrão comercial, que transmite 24 horas ou, ao menos, das 6 da manhã à meia-noite diariamente, como dedica sua programação aos horários da rotina campesina,

do amanhecer do dia (quando se desperta e se prepara para o trabalho) e do final do dia (quando se retorna do trabalho e se descansa), reforçado pelas interpelações dos locutores que, explicitamente, se referem ao início das atividades diárias pela manhã e no retorno do trabalho no campo pela tarde. Essa organização desconsidera a ideia de simultaneidade no trabalho; de escutar o rádio enquanto se faz, ao mesmo tempo, outra atividade laboral. Além dos produtores estarem possivelmente envolvidos em outros compromissos no horário em que não há transmissão, presume-se que os ouvintes que estão trabalhando das 9h às 17h, estejam impossibilitados de escutar a emissora.

Tempos e lugares dos ouvintes

Alguns receptores entrevistados acolhem naturalmente esse horário fraturado. Dom Josiano e o professor José, ambos da comunidade de San Isidro de La Libertad, afirmam que só escutam rádio antes de ir ao trabalho e quando chegam em suas casas. Apesar do primeiro ter um rádio portátil para a audiência, só ouve quando “tem tempo”, isto é, quando não está trabalhando na agricultura ou realizando outras atividades laborais. Já o ouvinte John, que mora na cidade de San Cristóbal de Las Casas, desconhecia a fratura do horário da Radio Rebelde. Pensava que, quando ligava o rádio de seu carro e não a sintonizava, era porque a emissora estava com algum defeito ou fora de seu alcance. “Como não conseguia sintonizar pensava que a emissora tivesse mudado de frequência ou fora do ar”⁸.

Os tempos de escuta também se relacionam às territorialidades da audiência, que envolvem, na tecnologia radiofônica, além dos sentidos, os aparelhos receptores utilizados. Até a década de 1950, de acordo com Ferraretto (1998), o rádio era “assistido” geralmente em família, ocupando o espaço da sala de estar e reunindo várias pessoas. Com o advento da televisão, que com sua popularização passou a ocupar o lugar do rádio na casa, o meio se reinventou, principalmente com sua miniaturização e portabilidade possibilitada pela invenção do transistor. O espaço social predominante do rádio passou a ser não mais a escuta coletiva, mas cada indivíduo que se apropria de aparelhos receptores portáteis, tendo com eles uma relação íntima e pessoal. A programação é afetada com esta mudança, ao invés dos espetáculos (novela, programas de auditório e humor), as emissoras passaram a ter um conteúdo mais voltado para ser o ritmo e um pano de fundo do cotidiano do ouvinte, predominando músicas e rápidas notícias.

⁸ Entrevista com John, realizada no dia 13 de janeiro de 2014, em San Cristóbal de Las Casas. Tradução minha.

Entre os onze ouvintes da Radio Rebelde entrevistados, encontrei três que escutam a emissora coletivamente. A escuta coletiva pôde ser observada na casa do professor José, da estudante Maria e de Diego, na comunidade de San Isidro de La Libertad. O primeiro mora com a esposa e dois filhos pequenos (menores de cinco anos), junto com seu pai, mãe e outros dois irmãos. A casa possui, além da sala e cozinha, quatro cômodos, sendo um para ele e sua família, outro para seus pais, um para seus irmãos e uma pequena venda onde sua esposa trabalha. Na sala, seu pai, uma das autoridades fundadoras da comunidade, tem um som com alto-falantes o qual utiliza principalmente para escutar a Radio Rebelde. “Quando ele liga o som, sempre escutamos a emissora mesmo sem querer”⁹. A escuta de José é involuntária. No entanto, a emissora passa a ser não só pano de fundo e ritmo para seu cotidiano, como para sua venda e sinal diacrítico, isto é, de diferenciação da posição política de sua família, aderente ao zapatismo. Maria mora com os pais e duas irmãs. Ela escuta várias emissoras, entre essas a Radio Rebelde, como pano de fundo enquanto está cozinhando ou cuidando das irmãs. O rádio em sua casa está sempre ligado, seja por causa dela, de sua mãe ou de seu pai. Diego foi outro ouvinte entrevistado que escuta no som de sua casa quando retorna do trabalho. Ele realiza, diferentemente da maioria da comunidade, trabalhos esporádicos na construção civil. A emissora serve para relaxar depois da labuta. Pude notar que a escuta coletiva da Radio Rebelde, além de pano de fundo, serve, nesses casos, também para identificar-se politicamente e para incluir outros ouvintes, possibilitando ampliar o papel de irradiação da emissora.

A escuta individual nessa comunidade é realizada por Dom Juan e Dom Josiano. O primeiro é ex autoridade da comunidade. Ele não possui som em casa, tendo o rádio em seu celular como única forma de escutar a Radio Rebelde. Geralmente, Juan a ouve quando vai trabalhar. Assim como Diego, ele não trabalha na agricultura, mas em trabalhos esporádicos principalmente na construção civil. Ele reclama da dificuldade de sintonizar a emissora, pois sua escuta acontece em diferentes lugares, muitos desses, com fraco sinal de captação. Mas ele afirma que escutar a emissora em seu cotidiano traz motivação para a luta. Pela mesma razão, Dom Josiano a escuta em seu celular. Mesmo sua casa possuindo um aparelho de som com rádio, ele prefere escutar em seu celular para não incomodar a todos e para ouvir enquanto transita pela comunidade.

Entre os ouvintes de San Cristóbal de Las Casas, não localizei a escuta coletiva. Mesmo em diferentes suportes (carro, celular, som com alto-falantes, aparelho portátil e computador), sempre escutam individualmente. O ouvinte John,

⁹ Entrevista com José em 10 de julho de 2014, em Zinacantán. Tradução minha.

como já mencionado, escuta em trânsito através do receptor de seu automóvel. Como nem sempre há coincidência entre o horário que ele se locomove no carro e a transmissão da Radio Rebelde, ele lamenta que consegue escutar pouco a emissora. Há uma clara discrepância entre a temporalidade da rádio e a dele.

As ritualidades dos ouvintes das rádios zapatistas nos vários territórios revelam ainda usos de diferentes suportes. Em San Isidro de La Libertad, os receptores costumam utilizar somente um aparelho, geralmente o som com os alto-falantes. Já os ouvintes de San Cristóbal de Las Casas ouvem em múltiplas plataformas. Dos ouvintes da cidade, cinco costumam escutar em um só aparelho e desses, três utilizam tecnologias móveis que lhes permitem ouvir em diferentes lugares. Os demais, utilizam diferentes aparelhos. Essa audiência nômade não significa a desvalorização do local, mas a multiterritorialidade onde a escuta pode ganhar diferentes sentidos. Ouvir a emissora no trabalho ou no trânsito significa para os ouvintes entrevistados um pano de fundo enquanto realizam suas atividades principais, o que lhes leva geralmente a uma escuta desatenta. Já em casa, mesmo realizando outras atividades, a audiência radiofônica pode ser mais atenta a principal ação do momento.

No território rural autônomo, a escuta está ligada aos ciclos sazonais do dia. Não os ouvintes não identificam os programas, até mesmo porque a Radio Rebelde não os possui, mas reconhecem tão somente horários de escutar o rádio, durante o tempo livre antes e depois da jornada de trabalho.

Considerações finais

As temporalidades da Radio Rebelde indicam rupturas com o tempo industrial. O horário de transmissão fraturado, a ausência de programas e as constantes pausas na locução apontam para isto. Esse formato fortalece a auto disposição da emissora que não se submete aos padrões técnicos predominantes nas rádios comerciais, reforçando o fazer autônomo das vivências zapatistas. Assim, a estação difunde a autodeterminação não só nos conteúdos veiculados, mas também na organização de sua programação.

Os ouvintes também adéquam o tempo de audiência ao seu cotidiano e lugares, seja escutando na cozinha – como pano de fundo das atividades domésticas, seja na sala – no descanso do final do dia, seja no carro ou no celular – enquanto se deslocam ou trabalham. Cada território articulado com as motivações cria não só um ritmo próprio de escuta, como papéis próprios para a emissora: companhia, lazer, informação ou restauração.

A relação com o passado, presente e futuro, apresentada na Radio Rebelde, cria, respectivamente, a memória das lutas sociais, a atualização das informações e mobilizações e o imaginário radical das transformações sociais. Para isso, há uma conexão da rádio com as experiências e vivências dos ouvintes.

Apropriada pelos ouvintes, a emissora desloca os significados da autonomia zapatista para diversos sentidos da escuta. Assim, a autonomia pode representar o passado imaginado dos antepassados, a liberdade de dançar e cantar ou as lutas por justiça social dos movimentos insurgentes do mundo inteiro.

A análise das ritualidades aponta que, além dos diferentes tempos e lugares de produção e recepção, há uma pluralidade de significados e sentidos envolvidos no mesmo processo de comunicação, demonstrando os vários trânsitos das mediações comunicativas.

Mesmo numa situação singular onde os meios de comunicação se inserem num contexto distinto do predominante nas sociedades industrializadas, possuindo tempos e ritmos diversos, o rádio segue como um relógio invisível que, ao mesmo tempo, se adéqua ao calendário, reforça e cria ritmos no cotidiano e nos rituais.

Referências

BALSEBRE, Armand. **El lenguaje radiofónico**. Madrid: Editorial Cátedra, 1994.

BÁRCENAS, Franciso L. Las autonomias indígenas en América Latina. In: CECEÑA, Ana et al. **Pensar las autonomías**. Cidade do México: Sísifo ediciones, 2011.

DOWNING, J. **Mídia Radical**. São Paulo: Ed. Senac, 2001.

FERRARETO, Luiz. **Rádio: O Veículo, a História e a Técnica**. São Paulo: Sagra, 1998.

HARTLEY, John. **Los usos de la televisión**. Barcelona, Paidós, 2000.

HAESBAERT, Rogério. **Território e multiterritorialidade**: um debate. In: Revista da Pós Graduação em Geografia da UFF, n. 17. Niterói: UFF, 2007.

JACKS, Nilda; MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e audiências**: a emergência dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre. Sulina, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1998.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. **O mito no rádio**: a voz e os signos de renovação periódica. São Paulo: Annablume, 1993.

ONG, Walter J. **Oralidad y escritura**: tecnologías de la palabra. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1993.

OROZCO GOMÉZ, Guillermo. **Televisión y audiências**: un enfoque cualitativo. Madrid: Ediciones de La Torre, 1996.

ORTRIWANO, Gisela. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

PIUG, Andrés Fábregas. **Chiapas Antropológico**. Tuxtla Gutierrez. Secretaria de Educação do Governo de Chiapas, 2006.

PROSS, Henry. **La violencia de los Símbolos Sociales**. Barcelona: Anthropos, 1989.

RONSINI, Veneza V. M. **A crença no Mérito e a Desigualdade**: a recepção da telenovela do horário nobre. Porto Alegre. Sulina, 2012.